

# OS NOVOS FLUXOS DA POPULAÇÃO BRASILEIRA E AS TRANSFORMAÇÕES NAS RELAÇÕES DE GÊNERO

*Gláucia de Oliveira Assis<sup>1</sup>*

## RESUMO

A recente emigração de brasileiros para o exterior inseriu o Brasil nos novos fluxos da população mundial. Uma das características destes fluxos, é o crescimento da participação feminina. A participação das mulheres nas migrações internacionais foi por muito tempo analisada como subordinada aos homens, entretanto, pesquisas recentes têm demonstrado que a importância das mulheres nos fluxos migratórios contemporâneos. Este trabalho de natureza qualitativa apresentará dados preliminares de entrevistas realizadas em Governador Valadares (MG), demonstrando que as mulheres não apenas esperam por seus maridos ou filhos, mas participam efetivamente do processo integrando e articulando as redes de migração.

## INTRODUÇÃO

Esta trabalho retoma algumas questões de minha dissertação de mestrado e procura complexificar a análise dos impactos dos movimentos migratórios nos (re)arranjos familiares e de gênero, visando traçar um quadro comparativo entre dois fluxos recentes da população brasileira: a conexão Governador Valadares-USA para os EUA. Para fins deste paper apresentarei as entrevistas realizadas com os/as emigrantes valadarenses.

Pretendo também discutir sinteticamente como as mulheres imigrantes vêm sendo tratadas na antropologia, sociologia e história para a partir destas discussões compreendermos melhor as características destes novos movimentos da população brasileira, procurando demonstrar como o processo migratório provoca mudanças e permanências nas relações de gênero.

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Programa de Doutorado em Ciências Sociais (IFCH - UNICAMP).



O Brasil que, até metade deste século, constituiu-se como um país que atraiu milhares imigrantes é surpreendido, desde meados da década de 80, por um novo movimento de sua população: a emigração de brasileiros para o exterior. Conforme demonstram vários estudos<sup>2</sup>, este novo movimento, que na década de 90 consolida um fluxo em direção ao estrangeiro, marca uma inversão dessa auto-imagem do país, que vivencia pela primeira vez um movimento significativo de emigração. Segundo dados da Polícia Federal, cerca de 1,25 milhões de brasileiros deixaram o país - e não voltaram - entre 1985 e 1987 (Sales 1994).

A emigração internacional para o Brasil, ocorrida do final do século XIX até as décadas de 40-50, tanto por suas implicações econômicas, sócio-culturais e políticas, quanto pelo impacto demográfico que causou, constituiu-se em objeto de vários estudos.

Estes imigrantes vieram através de programas do governo brasileiro (Vainer: 1995) ou de companhias particulares de imigração para trabalhar, fazer poupança e retornar. Entretanto, acabaram permanecendo nas colônias agrícolas (como os japoneses, alemães e italianos) ou nos centros urbanos (como os portugueses, judeus, sírios e libaneses). Uma vez que estes imigrantes não retornaram aos seus países de origem, suas vidas e histórias foram vasculhadas pelos próprios descendentes ou pesquisadores como demonstram os estudos de Seyferth (1990), Fausto (1991), Sakurai (1993) e Bassanezi (1994)<sup>3</sup> sobre migração italiana, alemã, portuguesa, japonesa, sírio-libanesa e outras etnias.

A emigração de brasileiros tornou-se uma questão relevante, quando o que era um movimento esporádico para o exterior nos anos 70 transformou-se num fluxo migratório. Em meados da década de 80, fomos surpreendidos por notícias de vários turistas brasileiros "barrados" pelos Serviços de Imigração, em aeroportos internacionais dos EUA e na Europa, pela suspeita de que poderiam vir a engrossar os contingentes de imigrantes ilegais nestes países.

---

2 Ver Bógus e Bassanezi (1995), Patarra & Baeninger (1995), Sales (1994;1995), Sales e Reis (1999).

3 BASSANEZI, Maria Silva C. (1995). Neste artigo, a autora realizou um mapeamento acerca dos estudos realizados sobre imigrantes no Brasil destacando como estes são heterogêneos e cheios de lacunas privilegiando mais uma etnia do que outras - como os italianos, por exemplo - com ênfase no período de migração de massa (1890-1930) e no Estado de São Paulo. A partir destas limitações, a autora procurou reunir dados dos diversos fluxos buscando traçar um panorama comparativo do processo e das correntes migratórias no passado brasileiro.

Neste mesmo período também se configura um movimento de *retorno* dos descendentes dos imigrantes que vieram para o Brasil, no final do século XIX e início do XX, para os países de origem. Este movimento tem sido significativo entre os descendentes dos japoneses – os *nikkeis* – os chamados Dekassegui. (Sasaki 1999) e entre os descendentes de imigrantes italianos que vieram para o Sul do Brasil (Savoldi 1997, Bógus & Bassanezi 1998).

Diante desta novidade, a emigração de brasileiros para o exterior, nos perguntamos: quem são estes emigrantes? por que deixaram o país? Neste sentido, sempre que se recupera a memória da imigração, historiadores, antropólogos e sociólogos se perguntam: por que estes e não outros? Como, em situações de penúria similares, alguns indivíduos partem e outros ficam? A história da migração, não é apenas daqueles que partiram, mas também daqueles que ficaram.

Para compreender este fluxo, numa pesquisa anterior<sup>4</sup>, procurei analisar estes emigrantes nos EUA. Na ocasião centrei a análise nos valadarenses e na maneira como reconstruíam suas relações entre os EUA e o Brasil. Neste trabalho identifiquei como a emigração constituía-se num projeto econômico, afetivo e familiar e sugeri algumas características nas relações estabelecidas entre os EUA e Governador Valadares que apontavam para a importância das redes sociais no processo. Assim procurei demonstrar como a migração construía um singular campo social entre Valadares e as cidades americanas. Nas considerações finais deste trabalho sugeri a necessidade de estudos mais aprofundados sobre as reestruturações provocadas nas relações familiares e de gênero. (Assis, 1995).

Conforme demonstrado nos estudos de Margolis (1994), Weber (1995), Assis (1995), Sales (1995; 1999) e Fusco (1998), Governador Valadares pode ser considerada o ponto de partida dos fluxos migratórios para os EUA. Pesquisas recentes como as de Sales (1997), Braga (1998), Ribeiro (1998) têm demonstrado a diversidade desse fluxo sugerindo que, embora os mineiros ainda constituam a maioria dos emigrantes, outras regiões do país têm contribuído para compor este quadro de emigrantes nos EUA.

Segundo Ribeiro (1998), os novos fluxos migratórios em contextos interétnicos tendem a ser classificados de maneira homogênea e demonstra, no estudo realizado em São Francisco, como os emigrantes brasileiros se diferen-

---

4 ASSIS, G. O . Estar aqui .estar lá uma cartografia da emigração valadarenses para os EUA. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social Florianópolis, Dissertação de mestrado, março, 1995.



ciam em termos de classe, gênero e origem regional. Assim, se todo valadarense, no senso comum, pode ser um emigrante em potencial, as pesquisas realizadas nos EUA vêm demonstrando que nem todos os migrantes são valadarenses ou procedentes de Minas Gerais, apontando para a necessidade de delinear melhor os brasileiros nos EUA.

O presente trabalho pretende retomar estas questões procurando com a ajuda da literatura sobre gênero e migração compreender como se processa a (re)construção de classe, etnicidade e gênero dos emigrantes a partir dos significados que estes atribuem a sua experiência de viver entre culturas. Desta forma, através dos relatos de homens e mulheres migrantes que vivem esta experiência, procurarei revelar que os sujeitos que migram em algum lugar estão em ruptura com suas identidades de origem.

## **AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS E OS ESTUDOS DE GÊNERO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Os novos fluxos da população mundial, embora representem apenas 2% da população total do planeta, deixam apavoradas as autoridades dos países que os recebem e são vistos como ameaça para os habitantes nacionais, muitos deles filhos ou descendentes dos fluxos migratórios do início do século. Desta forma, tanto em alguns países da Europa quanto nos EUA, nações constituídas em grande parte por contingentes migratórios, adotam neste final de século medidas cada vez mais restritivas a estes novos fluxos de migrantes.

As razões para emigrar, tanto no século passado como neste século, são inúmeras, entre elas: as perseguições políticas e religiosas, as crises econômicas ou o desejo de tentar uma vida melhor em outro lugar. O lugar pode ser a América, para os emigrantes do século passado e início deste século, ou os países industrializados França, Alemanha, EUA, Inglaterra que, desde o final da II Grande Guerra, recebem contingentes populacionais de suas ex-colônias ou de outros países do chamado "Terceiro Mundo".

Tais lugares são carregados de significados para os que desejam mudar de vida. Os emigrantes "novos" ou "velhos" emigrantes depositaram, ao partir para terras distantes, a esperança e o desejo de uma vida melhor, seus projetos de poupança, o sonho de voltar. É interessante observar que a perspectiva da volta estava implícita no projeto de migrar. Nos vários relatos de emigrantes do início do século a viagem imaginada - era de ida e volta - uma volta, que muitas vezes não se concretizou. Assim, com o passar dos anos os emigrantes foram constituindo família, estabelecendo-se na sociedade hospedeira.

deira e escrevendo a outros amigos e parentes estimulando-os a vir para terras desconhecidas tentar a vida e o tempo foi passando.... Quando o emigrante partia, no século passado, era para uma viagem longa que nem sempre sabia se iria chegar, alguns chegavam doentes ou não chegavam, outros eram deportados. A história da emigração é feita destes relatos de vidas que cruzaram fronteiras, identidades, línguas e culturas.

Ao usar a categorização 'novos migrantes' não pretendo estabelecer uma oposição entre os fluxos do final do século passado e os que ocorrem a partir da década de 50, uma vez que como demonstrarei a seguir existem similaridades e diferenças entre os mesmos. Pretendo apenas ressaltar quem, se por um lado destaca-se a uma maior diversidade étnica, modifica-se também a forma de participação das mulheres nestes fluxos. Conforme veremos nas caracterizações de Portes, Gabaccia e Donato.

Ao analisar os recentes fluxos para os EUA, Portes (1992:08) demonstrou que existem similaridades e diferenças entre os emigrantes do início do século chamados "velhos imigrantes" e os "novos imigrantes". As similaridades seriam: a destinação para áreas urbanas, sua concentração em algumas cidades portuárias e sua capacidade de aceitar os serviços menos remunerados. No que se refere a composição étnica destes fluxos, os "velhos" migrantes eram majoritariamente europeus e brancos, já os "novos migrantes" constituem-se em larga escala de não-brancos provenientes de países do Terceiro Mundo, evidenciando as diferenças entre os mesmos.

O autor ainda observa que os americanos em geral possuem uma imagem do emigrante como sendo "pobre e mal educado" quando, na realidade, a composição dos grupos imigrantes recentes é de vários países, de diferentes *backgrounds* econômicos e sociais e emigraram por várias razões. Portanto, aponta para a diversificação das migrações que procedem de vários países e com composições etárias, étnicas e de gênero muito amplas.

Estas caracterizações sobre os novos migrantes, em muitos estudos, embora apontem para a diversificação de gênero centram a análise nas diferenças étnicas e raciais não pensando comparativamente os significados destas diferenças para homens e mulheres.

Gabaccia (1992) traz uma interessante contribuição ao informar que vários autores se referem as diferenças entre os novos e velhos imigrantes se referindo às diferenças raciais. Gabaccia procura demonstrar através da análise de vários trabalhos que as diferenças ocorrem também entre gêneros. As mulheres que emigram são de classes sociais diferentes, o que parece particularmente forte hoje, em contraste com as imigrantes do século XIX e início do



século XX onde possuíam *background* mais humilde, tinham trabalhado na agricultura, serviço doméstico e em menor escala na indústria antes da migração. As mulheres hoje também estariam muito mais induzidas a viajar sozinhas ou até mesmo como primeiras em suas famílias, pioneiras em encontrar trabalho nos EUA mais do que seguindo os passos de dos homens. Neste ponto, antes de comentar o crescimento da participação das mulheres nos fluxos migratórios procurarei analisar resumidamente como as mulheres foram analisados nos estudos de migração.

Segundo Gabaccia (op. cit.) para compreender por que os estudos de mulheres imigrantes raramente estabelecem um campo comum é preciso compreender como o interesse dos estudos étnicos e de migração e os estudos de mulheres têm divergido sobre o tema as longas das duas últimas décadas.

Conforme demonstram Assis e Sasaki (1999) os estudos sobre migração na sociologia herdeiros da Escola de Chicago, até meados dos anos 60 caracterizavam-se por estudos de assimilação e adaptação dos imigrantes e neste sentido, pouca atenção davam as diferenciações de gênero. A ênfase dos estudos foi colocada na diluição das diferenças culturais entendidas apenas nos termos de diferenças entre raças e não de gênero. A partir da constatação de que a sociedade americana se torna cada vez mais étnica, o conceito de etnicidade passaria a tratar das permanências e afirmações das identidades no contexto da sociedade de destino.

Estes vários estudos, de meados dos anos 60, podem ser caracterizados como *revival* étnico, que expressaram a crise das análises baseadas nos princípios da modernização. Segundo Donna Gabaccia (1992:25), o *revival* pelos interesses nas migrações nos anos 70 e 80, não restabeleceram a agenda anterior de pesquisa, nem substantivamente ou metodologicamente.

Esta autora traçou uma importante distinção entre os rumos dos estudos étnicos e os estudos sobre mulheres imigrantes. A autora demonstra que embora os estudos étnicos e sobre mulheres tenham uma origem comum nas lutas políticas dos anos 60, as divergências entre os mesmos são muitas. O *revival* étnico questionou as visões de inevitável assimilação e diminuição da influência da etnicidade e redirecionou o foco para a diversidade das culturas e do pluralismo cultural como fundamentais para compreender a sociedade americana. Economia familiar, laços familiares, e comunidades étnicas foram frequentemente analisadas como fonte de persistência e solidariedade étnica. Assim os acadêmicos destas perspectivas assumiam que homens e mulheres compartilhavam culturas étnicas e eram moldados positivamente por elas.

Se os estudos de etnia ignoravam as distinções de gênero, os estudos sobre mulheres imigrantes desconsideravam as diferenças étnicas entre as mulheres. Em marcada distinção em relação aos estudos étnicos, os estudos sobre mulheres cada vez mais definiam a família como *locus* da opressão feminina, não como ponto de partida para a solidariedade entre gêneros. Globalmente, etnicidade não foi uma variável importante nos estudos sobre mulher. Para explicar que as estudiosas feministas reconheciam as diferenças entre as mulheres, estas focavam em classe e raça. (Gabaccia, op.cit)

O impacto destas discussões gerou duas alternativas na pesquisa sobre mulheres imigrantes que foram feitas diferentemente pela história antropologia e sociologia. A partir deste ponto comentarei os as três perspectivas ressaltando suas respectivas contribuições.

Weinberg (1992) analisa as contribuições no campo da história. Para esta autora os estudos sobre mulheres imigrantes na história apenas muito raramente conseguiram integrar homens e mulheres dentro de uma mesmo campo de análise. Destaca que o número de estudos que exploram as mulheres imigrantes separadamente excedem o número de estudos que integram homens e mulheres dentro de quadros mais gerais. A consequência de tais análises centradas nas mulheres e não nas relações entre os gêneros é que torna-se um subcampo distinto.

Simon (1992) pesquisa as mulheres imigrantes na sociologia. A autora demonstra que na sociologia diferentemente da história e da antropologia os estudos da sociologia sobre mulheres imigrantes concentram suas preocupações nos temas econômicos e nas oportunidades para os imigrantes nos EUA. A subjetividade não seria um tema de interesse, como comenta Simon (op.cit) sobre a expectativa educacional das mães em relação às filhas imigrantes. Ao analisar esta questão a autora sugeriu que o interesse no tema seria mais para prever o comportamento futuro e direcionar para problemas da sociedade mais ampla que interessar-se num mundo feminino distinto. Assim os sociólogos vão trabalhar com pesquisas mais quantitativas, dados agregados amplos acerca das várias dimensões da vida do imigrante. Diferentemente, as análises da história e da antropologia procurariam dar voz às experiências femininas, freqüentemente buscada através de cuidadosos estudos de caso de grupos de mulheres particulares em situações particulares.

Na Antropologia, Brettel e Berjois (1992) demonstraram a influência significativa que a antropologia exerceu na teoria feminista, principalmente através do estudos de Rosaldo e Lamphere. A divisão do mundo a partir do mundo público e privado e a hipótese de que esta divisão não somente era



universal, mas uma fonte para colocar a mulher como um outro universal foram centrais na Antropologia e na História.

O que é compartilhado pela Antropologia e a História na análise de mulheres imigrantes e o que os distingue da Sociologia é sua preocupação com a cultura, estratégia e processo, com a subjetividade e com a diversidade das experiências vividas (ou o que as estudiosas de mulheres chamam muitas vezes de as vozes femininas). Gabaccia (1992:XVII)

Estas três autoras sugerem que os estudos sobre mulheres imigrantes em cada um dos campos, embora possuindo divergências teóricas e metodológicas, poderiam buscar um campo comum com abordagens mais interdisciplinares.

Assim o *revival* dos estudos sobre migração nos anos 70 é acompanhado por este debate na academia e pela tentativa de compreender os fluxos femininos além dos estereótipos de mulheres imigrantes como aquelas que seguem as orientações familiares e os homens como ativos iniciadores da experiência migratória. O crescimento do número de mulheres imigrantes tem colocado estas questões de forma mais significativa.

Donato (1992) afirma que esta tendência de aumento da população feminina, no caso dos fluxos migratórios para os EUA nas duas últimas décadas, poderia ser explicada pelo fato de a política migratória americana dar preferência para re-aproximação de parentes e naturalizar os cidadãos tem facilitado diferentes tipos de migração feminina.

Sasaki (1996), analisa os argumentos de Sassen (1988) sobre os impactos das transformações do mercado de trabalho sobre a migração. Criticando pressupostos implícitos em vários estudos da migração, Sassen procura demonstrar que embora seja inegável que a pobreza, desemprego e super população possibilitam as migrações, é também necessário identificar os processos que transformam essas condições, criando uma situação que leva à migração. É a partir desse quadro internacional que Sassen busca a idéia de ruptura nas estruturas tradicionais de emprego, que está intimamente relacionada com a internacionalização da produção que, por sua vez, está inteiramente assentada no investimento estrangeiro, nas novas regiões que tomaram impulso com a emergência e implantação da nova indústria de processamento para exportação.

Os níveis significativos e a concentração de investimento estrangeiro podem ser vistos como um fator promotor de emigração na medida em que: (a) a incorporação de novos segmentos da população no trabalho e a ruptura



da estrutura tradicional de trabalho criaram uma oferta de trabalhadores migrantes; (b) ocorre a feminização da nova força de trabalho industrial provocando impacto sobre as oportunidades de trabalho dos homens, tanto nas novas zonas industriais quanto na estrutura tradicional de trabalho; e (c) consolidada as relações objetivas e ideológicas entre os países em desenvolvimento e os avançados (onde se originam a maioria do capital estrangeiro). Nesse sentido, existe um efeito de "ocidentalização" generalizado que contribui para formação de um exército de emigrantes potenciais e ao mesmo tempo, contribuem para que a emigração seja vista como uma opção atual. Esta breve síntese das transformações no mercado procura dar um das explicações para o aumento dos fluxos femininos.

Neste ponto retomo Morokvasic (1992) que, ao afirmar que "*os pássaros de passagem também são mulheres*", parafraseou o título do estudo clássico de Piore (1978), destacando a importância das mulheres nos fluxos migratórios contemporâneos. A autora, nos instiga a relativizar o olhar sobre o emigrante como sendo majoritariamente homem e jovem. Os estudos sobre a participação das mulheres nos fluxos demonstram que esta mobilidade implica em transformações nas relações de gênero.

Para Bilac (1995), o aumento da participação feminina nas migrações internacionais, a qual denomina "feminização" dos deslocamentos populacionais, seria uma característica dos "novos" processos de mobilidade territorial, associados às "novas formas de produzir" - em síntese, ao "novo" momento de acumulação capitalista emergente da crise dos anos 70.

Segundo esta autora os estudos que procuram contemplar gênero e migração contribuem inicialmente, ao desvendar a especificidade da migração feminina, para colocar em discussão as próprias políticas migratórias e o seu impacto no "*status*" das migrantes tanto nos países de origem quanto de destino. Um outro ponto que, a autora salienta é que a migração de mulheres contribuem para a crítica aos modelos clássicos de análise das migrações, pois suas motivações não se explicam facilmente por decisões individuais.

A alteração destes fluxos migratórios, também tem modificado a forma como se analisam as redes interpessoais e familiares entre as regiões de emigração e de destino destes fluxos.

Segundo Boyd (1988:639 apud Bilac 1995: 70) as alterações recentes dos fluxos migratórios, ao lado de suas implicações macroeconômicas também: "representam a maturidade das correntes migratórias estimuladas pelas redes sociais baseadas em laços familiares e domésticos de amizade e comunitários. Ligando migrantes e não migrantes em uma complexa teia de



relações sociais e interpessoais, tais redes conduzem informação, assistência social e financeira. Elas também modelam os efeitos da migração - desde a não migração, a imigração, a migração de retorno e a continuidade dos fluxos migratórios”.

Os estudos das redes sociais nas migrações internacionais de Tilly (1990) e Massey (1997), por sua vez, têm demonstrado a importância das mulheres na construção e manutenção das redes sociais entre migrantes e migrantes em potencial. Conforme Tilly observou, as redes também migram, a migração para os EUA modifica redes de parentesco e comunidades nas quais os imigrantes vivem com profundas modificações para a vida das mulheres.

Estas reflexões, remeteram-me a pensar o significado da experiência imigratória para homens e mulheres dentro do contexto transnacional, como rearticuladora das relações de gênero. As relações de gênero aqui são tomadas como categorias analíticas (Grossi:1990) para compreender processos sociais que levam a rearticulações de valores, normas e padrões e ajudam-nos a questionar o que ocorre com as relações familiares e afetivas, as novas subjetividades que este processo vem gerando.

É importante ressaltar como observa Bilac (op.cit) que as categorias gênero, classe e etnia não podem ser analisadas de forma separada, pois operam de forma integrada.

Ainda procurando destacar a importância das relações de gênero, Feldman-Bianco & Huse (1993) analisam a experiência de várias gerações de mulheres portuguesas emigrantes que vivem duas culturas propondo uma alternativa de análise ao enfoque sobre imigração. Criticando alguns estudos clássicos sobre emigração as autoras afirmam que ao :

*"categorizar os imigrantes a priori enquanto operários ou grupos étnicos, ou então a impor paradigmas feministas, enfatizando a dupla jornada de trabalho feminino e relações de poder entre os sexos. À medida que não levam em consideração como homens e mulheres imigrantes reinterpretam e simbolizam seu passado anterior à emigração no contexto de suas trajetórias de vida entre culturas, grande parte destes estudos sobre imigrantes deixa de captar as complexidades que envolvem a (re)construção das posições de classe, da etnicidade e da relação de gênero no contexto da imigração" (Feldman -Bianco & Huse 1993:47).*

No caso brasileiro, embora os dados indiquem número de mulheres emigrantes seja quantitativamente menor (Bicalho, 1991 e Goza, 1992), observa-se um crescimento no contingente de mulheres migrantes. As mulheres participam deste processo tanto assegurando as redes de migração nos locais de origem, quanto no destino. Isto possibilita às mesmas mudanças significativas nas identidades de gênero neste contexto de culturas em contato.

No estudo realizado em Governador Valadares (Assis op. cit) as trajetórias relatadas de algumas mulheres revelam momentos de rupturas e permanências em relação às identidades de gênero. Assim, quando ouvimos um pai falar com orgulho da filha que foi sozinha para os EUA e está construindo um prédio com dinheiro vindo da "América", contar sobre o casamento da filha nos EUA dentro dos padrões americanos, os relatos de mulheres que se separaram e foram reestruturar suas vidas nos EUA, os relatos de como as mulheres têm vivido a espera, criando novas situações como a infidelidade, novas conjugalidades e a homossexualidade feminina. Estes vários relatos, apontam para novas representações, tanto da experiência migratória, quanto do papel das mulheres na sociedade valadarense. O depoimento que se segue demonstra um pouco a percepção desta diferença.

*O modo da família achei muito diferente, você veja que uma filha/o de 16-17 anos já sai fora de casa você não domina nada ele/a tem uma liberdade total, aquele problema. A criança com sete anos vai para escola e a primeira coisa que aprende é o número da polícia se o pai bater em você chama a polícia na hora. O Vicente, um amigo meu, bateu no seu filho, na mesma hora ele chegou com metralhadora, foram na casa foi um vexame. O brasileiro não tá acostumado com isso e não aceita. Migrante retornado - 1993.*

No caso da emigração para a Itália os dados ainda são dispersos, mas segundo Bógus e Bassanezi (1998:80) o número de mulheres brasileiras que compõem essa comunidade é surpreendente elas representariam aproximadamente 70% do conjunto dos brasileiros entre 20 e 39 anos. No estudo preliminar realizado em Criciúma, uma ex-secretária da Agência Consular informou que nessa região atualmente o número de mulheres que emigram é significativo, o que coincide com os dados apresentados pelas autoras.

Para contribuir para esta reflexão os artigos de Georges (1992) e Feldman-Bianco & Huse (1993) trazem importantes questões para pensarmos a experiência migratória e as modificações nas relações de gênero.



O texto de Georges (1992) enfoca as modificações nos padrões de subordinação de gênero e classe a partir da experiência migratória de homens e mulheres na República Dominicana. Utilizando a abordagem da transnacionalização, a autora enfatiza as modificações que ocorreram numa vila a partir do processo de emigração, interferindo nas vidas de pessoas que nunca emigraram, demonstrando a incorporação de uma vila dominicana dentro de uma economia global. No que se refere às relações de gênero, destaca como as remessas de dinheiro são utilizadas como forma de controle das mulheres casadas de classe média que têm que se "comportar bem" (manter-se fiel) – para receber os benefícios do marido emigrado. Por outro lado, as mulheres de classes mais baixas, que não teriam condições de emigrar, também se beneficiam destas remessas de dinheiro e bens de consumo através de ligações informais, tornando-se amantes de imigrantes. A contrapartida desta relação é que estas mulheres podem pedir ao governo dominicano que obrigue os amantes a reconhecerem os filhos destas relações ajudando-os financeiramente. Para ambos os grupos de mulheres, portanto, este processo transnacional tem provocado mudanças sociais e econômicas importantes que interferem nas relações de gênero.

Um estudo<sup>5</sup> realizado em Governador Valadares enfocando as esposas dos Brazucas traz depoimentos ilustrativos das formas de controle da moralidade das mulheres quando os maridos emigram e das alternativas que estas criam para driblarem esta vigilância. Para o controle da moralidade, em alguns casos, assim como as mulheres dominicanas, as mulheres têm as remessas de dinheiro entregues nas mãos do sogro como forma do marido controlar sua fidelidade.

Neste ponto devemos nos lembrar que nas atribuições de gênero feminino, os conceitos de honra e vergonha são essenciais para definir o "lugar" das mulheres nas sociedades mediterrâneas. As mulheres para driblar esta vigilância encontram alternativas para escapar destes controles. Em um dos depoimentos do estudo de Aiala (op.cit), uma mulher relata, por exemplo, que a homossexualidade pode ser uma solução ao problema

*"como não me permito arrumar um homem, passei a ter relacionamento com a minha cunhada. Quando meu ma-*

---

5 AIALA, Goreth et alli. Emigração = destruturação familiar? Um estudo de caso. UNIVALE, 1991, mimeo. Estudo de caso realizado com mulheres cujos maridos estavam há mais de 1 ano nos EUA. O trabalho revela uma grande preocupação que é recorrente entre os moradores da cidade com o que ocorre com as famílias a partir do processo migratório.

*rido regressar tudo voltará ao normal" Aiala, Goreth et al., 1991:19).*

Este estudo, associado aos dados do trabalho de campo, demonstra que as motivações para migrar também são diferentes para as mulheres. Muitas mulheres emigram para acompanhar seus noivos realizando casamentos por procuração, freqüentes na cidade, outras emigram para se livrar de padrões morais rígidos como virgindade ou ainda para fugir do preconceito em relação à homossexualidade feminina.

*Eu sempre quis ir para os EUA por que queira aprender inglês e já estudava inglês. Ai quando fiz 21 anos eu tranquei a matrícula na Faculdade, meus irmãos me arranjaram uma grana e eu já tinha um vizinho que já estava lá. Ai fui mesmo, com interesse de estudar e trabalhar para pagar meu curso. Minha idéia era ficar dois anos lá e voltar para concluir o curso de Letras que fazia aqui. Quando você resolver migrar, já tinha alguém aqui. Eu tinha um namoradinho que não era muito sério não teve problema. Fui aquele trezinho, aquele toquinho, me levaram em Belo Horizonte cheguei no Rio de manhã e peguei o visto na hora, naquela época 1984 não tinha problema de emissão do passaporte. Ao chegar na migração consegui visto de permanência de seis meses. Estes dois anos que eu fiquei lá fiquei com essa família. Eu dei muita sorte. (Emigrante retornada – 5 anos nos EUA)*

É interessante observar nestes casos que as migrações femininas poderiam servir para modificar o controle sobre o destino familiar. Como demonstraram Gross & Sinke (1992), analisando a migração de mulheres germânicas no século XIX, que a migração feminina poderia funcionar como uma estratégia para aumentar suas chances de casamento, além de trabalho. Neste sentido, migrar para os EUA poderia expressar uma iniciativa feminina, uma vez que ao migrar escapavam do controle familiar. No caso das imigrantes brasileiras, esta estratégia parece estar também presente .

Ao centrar os exemplos no gênero feminino quero apenas evidenciar que as mulheres deixam de ser vistas apenas como "aquelas que esperam" mas como parte deste processo migratório, demonstrando a pertinência da análise do gênero para os novos fluxos migratórios e importância das redes sociais que estes mulheres integram, articulam e sustentam.



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ASSIS, Gláucia. Estar aqui...estar lá... uma cartografia da vida entre dois lugares. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em antropologia social UFSC, Florianópolis, 1995.

-----, Estar aqui... estar lá... uma cartografia da emigração valadarensense para os EUA. In: SALES, T. & REIS, R. Cenas do Brasil Migrante. Campinas, Ed. Boitempo, , 1999.

ASSIS, Gláucia & SASAKI, Elisa. As trajetórias da construção das teorias das migrações internacionais, trabalho de conclusão de curso (doutorado em Ciências Sociais, IFCH, UNICAMP), mimeo, 1999.

BASSANEZI, M. S. B . Imigrações Internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, N. L. (coord.), Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo. São Paulo FNUAP; 1995 . p. 3-35.

BILAC, E. D. Gênero, família e migrações internacionais. In: PATARRA, N. L. (coord.) Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo. São Paulo FNUAP; 1995. p. 65-77.

BRETTELL, C. B. & DeBERJEOIS, P. A. Anthropology and the study of immigrant women. in GABACCIA, Donna. Seeking common ground: multidisciplinary studies of immigrant women in the United States. Westport, Connecticut, London, Ed. Praeger, 1992. p. 41-65.

BÓGUS, L. M. & BASSANESI, M. S. Do Brasil para a Europa. Imigrantes Brasileiros na península Itálica neste final de século. In: BASSEGIO, Luiz (apresentação) O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio: desafios pastorais. Petrópolis, Vozes, 1998, p. 68-91.

FUSCO, W. Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares. Projeto de pesquisa, mimeo, 1998.

GABACCIA, Donna. Seeking common ground: multidisciplinary studies of immigrant women in the United States. Westport, Connecticut, London, Ed. Praeger, 1992.

GEORGES, Eugenia. Gender, class and migration on the Dominican Republic womens experience. In: SCHILLER, N. G., BASCH, L. and BLANC-SZATON, C. Towards transnational perspective on migration. Annals of the New York Academy of Sciences, New York, v. 645, 1992, p 81-100.

- GROSSI, Miriam P. Na busca do "outro" encontra-se a "si mesmo". Trabalho de campo e subjetividade. Publicação do Grupo de Estudos de Gênero & subjetividade. Programa de Pós Graduação em antropologia social UFSC. Florianópolis, 1992.
- GROSS, S. T & SINKE, S. The international marriage market and the sphere of social reproduction: a German case study. GABACCIA, Donna. Seeking common ground: multidisciplinary studies of immigrant women in the United States. Westport, Connecticut, London, Ed. Praeger, 1992. P. 67- 88.
- MASSEY, Douglas, et al. Migration, ethnic mobilization and globalization - causes of migration, in GUIBERNAU, Montserrat & REX, John (eds.), The Ethnicity reader - nationalism, multiculturalism and migration, UK, Polity Press, 1997, pg. 257-269.
- MOROKVASIC, M. Mulheres são a maioria em êxodos de curta distância, in Folha de São Paulo, World Mídia (caderno especial), 19.06.1991, pg. 16.
- MOROKVASIC, M. Bird of passage are also women... Internacional Migration Review. Special issue:women and migration, 18(04): winter 1984, 886-907.
- PIORE, Michael J. Birds of passage: migrant labor and industrial societies, Cambridge, Mass., Cambridge University Press, 1979.
- PIORE, Michael J. & DOERINGER, Peter B. Internal labor markets and manpower analysis, Lexington, Mass., Heath, 1971.
- PORTES, Alejandro. & RUMBAUT, R. Immigrant America: a portrait. Berkley: University of California Press. 1990.
- PATARRA, N. L & BAENINGER, R. Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil. In: PATARRA, N. L. (coord.) Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo. São Paulo FNUAP; 1995, p. 79-87.
- RIBEIRO, G. L. O que faz o Brasil, Brazil: jogos identitários em San Francisco. In: SALES, T. & REIS, R. Cenas do Brasil Migrante. São Paulo, ed. Boitempo, 1999.
- SALES, T. & REIS, R. Cenas do Brasil Migrante. Campinas, 1999. São Paulo. Boitempo , 1999.



- SALES, T. O trabalhador brasileiro no contexto das migrações internacionais. In: PATARRA, N. L. (coord.) Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo. São Paulo FNUAP; 1995 p. 89-101.
- A legitimidade da condição clandestina. Travessia. Revista do Migrante. Janeiro-abril. p. 13- 16, 1998.
- SASAKI, Elisa Massae. A migração internacional contemporânea e a internacionalização da produção, in Cadernos de Sociologia, nº 1, pg. 165-188, Campinas, IFCH, UNICAMP, jan./jun.1996.
- Movimento Dekassegui: a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: SALES, T. & REIS, R. Cenas do Brasil Migrante. São Paulo, ed. Boitempo, 1999, pg. 243-274.
- SASSEN, Saskia. The mobility of labor and capital: a study in international investment and labor flow, New York, Cambridge University Pres, 1988.
- SAVOLDI, A. O caminho inverso: a trajetória dos descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania. Programa de pós-graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, 1997.
- SEYFERTH, G. Nacionalismo e identidade étnica. In A ideologia germanista e o grupo teuto-brasileiro numa comunidade do vale Itajaí. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. In: Anuário Antropológico/93, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 165-203, 1995.
- SIMON, R. J. Sociology and immigrant women. In: GABACCIA, Donna. Seeking common ground: multidisciplinary studies of immigrant women in the United States, Westport, Connecticut, London, Ed. Praeger, 1992 p. 23-40.
- THOMAS, William I. & ZNANIECKI, Florian - The Polish Peasant in Europe and America, Chicago, University of Illinois Press, 1918 (1ª ed.), 1984 (reimpresso).
- TILLY, Charles. Transplanted Networks, in YANS-Mc LAUGHLIN (ed.), Virginia, Immigration Reconsidered, NY, Oxford, Oxford University Press, 1990, pg.79-95.



VAINER, C. B. Estado e Migração no Brasil: da imigração a emigração. PATARRA, N. L. (coord.) Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo. São Paulo, FNUAP; 1995, p.39-51.

WEINBERG, S. S. The treatment of women in immigration history: a call for change. In: GABACCIA, Donna. Seeking common ground: multidisciplinary studies of immigrant women in the United States, Westport, Connecticut, London, Ed. Praeger, 1992. P.03-23.

